



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: JANAÍNA LIMA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 04 DE DEZEMBRO DE 2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone
- Falha na gravação

A SRA. PRESIDENTE (Janaina Lima) – Está aberta a 25ª audiência pública que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa realiza no ano de 2017.

Esta audiência pública é disruptiva. Pensamos em um novo modelo de comunicar a atividade pública e de construir um projeto de lei que possa, sim, mudar a vida do empreendedor paulistano.

Então, começo agradecendo a todos os presentes, a todos os funcionários da Câmara Municipal de São Paulo, que se deslocaram até aqui para fazer com que esse sonho se tornasse realidade.

Esta audiência tem por objetivo discutir o PL 29/17, de autoria das Vereadoras Janaína Lima, Aline Cardoso, Caio Miranda e Eduardo Tuma, que autoriza o Poder Executivo a implantar o Programa Poupa Tempo Municipal do Empreendedor, e dá outras providências.

Foram convidados a participar desta audiência: Sra. Renata Favale Zanuto, representante do Cubo Network; Sr. Thiago Lobo, representante do Instituto Eu quero É Mais do Sebrae; Sr. Geraldo Rufino, fundador da JR Diesel e Sr. Vinícius Poit, empreendedor e cofundador da Recruta Mais.

Informo que as inscrições para a fala já estão abertas.

Tem a palavra o Sr. Thiago Lobo.

O SR. THIAGO LOBO – Boa noite a todos.

Parabenizo a Vereadora Janaína Lima, os Vereadores Eduardo Tuma, Caio Miranda e Aline Cardoso. Aliás, por esse time, já se vê que é um processo diferenciado. Eu acho que se somar a idade de vocês não dá a idade de alguns que estão lá na Câmara, né. Mostra, primeiro, que já é um projeto de lei diferenciado, porque não é de um partido. São quatro Vereadores – dois de partidos iguais e os outros de partidos diferentes. Então, mostra que o projeto e a sua participação na Câmara Municipal já é diferente. Aonde você busca um entrosamento com as pessoas, então você é muito mais que partidária, você é uma verdadeira representante do povo paulistano.

Então, não só por isso eu te cumprimento.

Cumprimento o pessoal do Cubo, agradecendo pelo espaço e pela oportunidade de falar. Eu, que trabalho no Sebrae, contando com a Renata... O Sebrae que deveria, também, ser uma empresa que estaria na vanguarda do espaço, para promover o network, para promover o empreendedorismo, devemos nos inspirar com vocês. Vocês estão bem à frente do que é a qualidade de espaço e como se promove o empreendedorismo. Então, que sirva de

lição para a gente, o Sebrae, que é uma grande instituição, super renomada, mas vocês também são referência para nós. O Geraldo Rufino que também dispensa apresentações, aliás disse para ele e para o Vinícius que me honra muito poder dividir o microfone com vocês, é uma grande honra, são duas pessoas que inspiram. E o Vinicius Poit com uma história já no empreendedorismo muito grande, é um cara que vem empolgando muito, os vídeos dele para quem não acompanha, recomendo. Aliás, dos dois, recomendo os vídeos deles, porque não são só engraçados, mas motivacionais. Quando você olha, você pensa, estou parado, preciso sair da minha zona de conforto, porque eles estão dando a solução para mim. Então, de fato, é um prazer cumprimentar vocês pela disponibilidade de virem e ouvirem, numa segunda-feira à noite, sobre um projeto de lei tão importante.

Falando diretamente do projeto de lei, acho que é extremamente necessário o que está acontecendo hoje. Nós que criamos o trabalho no Sebrae, sou um empreendedor e tive participação e experiência já no poder público, mas falando um pouco como empresário, a dificuldade que é. Quando você resolve montar uma empresa, você tem 'n' dificuldades. Você pensa se vai ter o cliente, se vai ter o faturamento, se vai ter receita, se vai quebrar ou não. Você se prepara muitas vezes, outras tantas você o é por necessidade.

E quanto você toma a iniciativa de ser o empreendedor, o mais difícil é lidar com o governo. Como é que você vai lidar com o Governo. Ele é seu sócio, mas ele não te ajuda em nada. Talvez ele só te atrapalhe, e aí quando você cria um projeto, onde você tem um órgão que facilita a sua entrada, você pensa : opa, agora tenho um sócio que funciona, pelo menos ele me ajuda em alguma coisa.

Portanto, fico muito feliz em saber que existe esse projeto. O Sebrae é um parceiro e quer ser um parceiro desse seu projeto, como já é da sua legislatura. E eu queria entender também os detalhes. Eu já li, você mandou o anexo para vermos, queria entender, tenho umas perguntas, qual é a necessidade do empreendedor, mas acho que saímos daqui com uma tarefa de participação popular - hoje é um dia de participação popular -, dar subsídios a para Vereadora incorporar esse processo, levar para os colegas Vereadores, porque é um projeto também difícil de se apresentar, tem de se convencer os colegas Vereadores, depois tem

Executivo para negociar, então, não é simples, não é numa simples canetada que se fazem as coisas.

Enfim, acho que a gente volta para o microfone, volta para as falas, vou passar o microfone para as outras pessoas, e quero cumprimentar mais uma vez, estou muito feliz. Acho que isso vai refletir numa geração de empregos, numa geração de renda que São Paulo tanto precisa. Nós, no Sebrae, acompanhamos esses últimos tempos de crise econômica aquele empreendedor por necessidade, não aquele por experiência. Então como ele não tem emprego, não tem oportunidade, não tem emprego, não tem gente gastando dinheiro no serviço, esse cara tem de empreender de alguma forma.

E então, muitas vezes, aquela senhora que cozinha, ela acha que a comida dela é boa, e nos finais de semana as pessoas gostam da comida dela, ela acha que se abrir um restaurante, ela vai certo. Mas, infelizmente, não vai dar certo, porque de um restaurante, talvez, a comida seja o menos importante para que o negócio dê certo. Ela precisa ter toda uma estruturação do negócio em si, de administração, da parte de gestão que, muitas vezes, ela não tem.

E há um outro problema que detectamos bastante no Sebrae e quero voltar nisso: o brasileiro, até pela cultura empreendedora de nosso país, que é diferente de outros países mais desenvolvidos, e vemos no Sebrae, aquele cidadão que é muito simples, muitas vezes, tem medo de buscar ajuda, porque ele acha que é incompetente para tanto. Ele acha que quando vai buscar uma consultoria, por exemplo, no Sebrae, ele não vai ter a capacidade de entender o que o consultor Sebrae fala.

E a outra parte, o outro extremo da pirâmide, que é o cidadão mais qualificado, que passou por estudo, que, de repente, fez uma faculdade, que já passou por alguns empregos, ele diz o seguinte: “Olha, eu não preciso de ajuda, eu já sei tudo, imagina, sou formado, sou pós graduado, já morei fora, já tive experiência, já trabalhei em empresa grande, já montei minha empresa, não preciso de ajuda”. Está errado, porque as coisas mudam. O cenário do

empreendedorismo é muito rápido, as coisas mudam, a parte de tecnologia muda, o modelo de negócio, muitas vezes, é dinâmico, assim como a vida é dinâmica, o modelo de empreendedorismo, o que acontecia há cinco anos atrás – principalmente na área de tecnologia e inovação – já ficou para trás. Então o empreendedor precisa, necessariamente, estar antenado ao que está acontecendo, buscar ajuda, e o Cubo faz muito isso, e a Janaína como Vereadora, faz muito disso. E usando o exemplo do Vinícius e do Geraldo, que promoveram o empreendedorismo, foi através do empreendedorismo que mudaram de vida.

Por enquanto encerro minha fala, depois, imagino que voltemos às perguntas.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Parabéns. Agora teremos a honra de ouvi-lo, que, inclusive, é empreendedor aqui do Cubo, é uma pessoa muito inspiradora que, realmente, construiu a sua trajetória e, agora está com o desafio de empreender na política. Gostaria que vocês ouvissem o grande empreendedor Vinícius Poit.

O SR. VINÍCIUS POIT – Boa noite pessoal, tudo bem? Janaína, permite Vereadora para eu ficar de pé, para não ficar de costas para ninguém. Gosto de falar em pé que é mais emocionante. Também sou disciplinado com o tempo. Tenho dez minutos no máximo.

Primeiro, parabéns, Janaína, se me permite chamá-la assim. Uma grande amiga, inspiração, exemplo da nova política, alguém que lá atrás encarou esse projeto, que todo mundo falava: “Ah, mas é só um projeto, esse tal de NOVO, esse trem aí – como diz o mineiro – não vai dar, não tem tempo de TV, não tem dinheiro público, não tem coligação, não tem nada”. Tá lá, dona Iraci. Saiu lá do Capão Redondo, estudou em escola pública, advogada formada, Vice-Presidente da CCJ e Vereadora da cidade de São Paulo. Tem de bater palmas para ela. (Palmas). Até arrepia, está puxando a fila da nova política, junto com Aline Cardoso, Caio Miranda Carneiro, o Eduardo Tuma. Você está aqui, é minha Vereadora, nossa Vereadora, tenho muito orgulho de estar fala aqui e agradeço muito o convite.

Acho que todo mundo que veio aqui, numa segunda-feira à noite, discutir política?

Falar sobre um projeto de lei, certo Reginaldo? – grande amigo nosso empreendedor também, que se preocupa muito com o impacto social. É porque todo mundo está interessado em política. É porque mudou aquele negócio de que o povo não quer saber de política. Mas você entra num taxi, é política, entra num uber é política, não é só futebol e Carnaval. E aqui é lugar de pessoas com propósito.

Quero, então, começar minha fala agradecendo muito à Dani, que está ali representando o Cubo, daí o pessoal vê quem é você, mineira, bacana, simpática e super empreendedora, nos recebeu muito bem aqui. Estamos aqui por um propósito. Ninguém está aqui para se servir da máquina pública, ou para ter estabilidade de emprego. As pessoas que entram no NOVO e que entram nessa nova política, representada pela Janaína Lima, são pessoas que estão lá para servir o povo. Servir o interesse comum, como uma causa tão nobre que é o empreendedorismo.

Para quem não me conhece meu nome é Vinícius Poit, tenho 31 anos, tenho uma história de empreendedorismo na família, de um pai que sai lá de Osvaldo Cruz – as vezes eu falo de Osvaldo Cruz, tem gente que torce o nariz, porque para quem conhece, Alex – outro cara ralador, tenho de conectar com o Erivelto que é um cara bom, aqui no Cubo é assim gente, network puro, nós vivemos apresentar as pessoas, duas que eu queria apresentar, estão ali já para conversar depois – então, meu pai saiu lá da região de Prudente, Araçatuba e, através do empreendedorismo, de vencer na vida, de mudar, um menino que saiu debaixo de um pé de café, em Osvaldo Cruz, com 13 anos – onde nem tinha luz elétrica, morava na roça, ia para escola com estilingue no pescoço – veio para São Paulo, empreendeu pagando imposto, fazendo direitinho, formalizando sua empresa, não teve meia nota, nem jeitinho, e provou que dá certo fazer direito no Brasil.

Esse é o cara que é meu maior exemplo de vida. Eu vi ele começar do zero. Trabalhei com ele desde pequenininho, pode me fornecer um estudo bacana, estudei na GV, fiz Administração de Empresas. Depois, fui trabalhar em banco, voltei a trabalhar com ele,

vendemos nosso negócio e parti para essa jornada empreendedora. Montei negócio de reestruturação de empresa, participamos da Endeavour, então lidamos muito com empreendedor, e agora com o Recruta Simples, que é uma ferramenta simples, está aqui no Cubo, estamos muito felizes de ser residente do Cubo, muito obrigado, para ajudar no recrutamento de pequenas e médias empresas.

Quando eu olho, Tiago, microempreendedor individual, microempresa e empresa de pequeno porte, que falamos MPE, Micro e Pequena Empresa, são responsáveis por mais de 50% das vagas de emprego no Brasil. Mas a gente só olha para empresa grande e aí, por que eu montei o Recruta Simples, pensei por que só tem solução de recrutamento rápido e fácil para empresa grande, por que esses sites de emprego só querem atender empresas grandes, por que não atendemos o pequeno. Dá mais trabalho atender o pequeno. O ticket médio é muito baixo. Só que é ali que está a saída para o Brasil. É ali que tem um monte de vaga de emprego, que tem um empreendedor que está ralando para se formalizar e tal, e contratar os 14 milhões de empregados que estão lá fora.

Então fico muito orgulhoso, e esperançoso, Vereadora Janaína Lima, de ver esse projeto nascer aqui na cidade de São Paulo, de ter essa audiência pública aqui no Cubo, e da iniciativa vinda de você, e aí na parte da discussão, estou falando dos processos certinhos para colocar um projeto de lei, porque eu estudei, sabe por quê? No NOVO tem processo seletivo, gente! Para selecionar candidato. Eu estou num processo seletivo para ser candidato a Deputado Federal ano que vem, pelo Estado. Processo seletivo que a Janaína Lima passou. Nosso amigo Geraldo está participando para ser Senador. Então, assim, tem processo seletivo e essa fase de discussão é a mais importante, é quando se escuta a população, especialistas, vamos fazer a lei juntos, ver o que é melhor. Ninguém sabe o que é melhor para o cliente, e aqui estou falando como empresa, ninguém sabe o que é melhor para o cidadão se não for ele mesmo. Vir aqui opinar sobre essa lei.

E essa lei, tendo audiência pública, no Cubo, é um marco. Eu nunca ouvi uma

audiência pública no Cubo, já teve Dani, não né? (Pausa) Isso aqui é inovação, é nova política, então está de parabéns, Janaína, de começar.

Eu posso falar na pele, porque estou com um grande amigo meu, o Francisco, tenho um instituto e atuo bastante nas causas sociais, com resgate de pessoas em situação de rua, promover o engajamento social, esses vídeos que o Tiago citou, eu agradeço, falando de gestão pública eficiente, o Francisco me ajudou a montar o instituto. O Francisco tem uma empresa muito séria e forte de contabilidade. Um perrengue para montar esse instituto? Está aqui a Carla que trabalha comigo, é uma empreendedora, e já tem a empresa dela. Falei para o Francisco, vamos ajudar a Carla a montar a empresa dela. Tem de ir em tanto lugar, Janaína, e é uma empresa pequena, individual, é pequena, gente.

Tem o Lucas também, outro amigo meu, que faz uns vídeos ali e tal, e edita também, além de fazer para mim e para outras pessoas, eu disse: “Lucas, vai se formalizar, não vou te pagar mais vídeo nenhum se você não emitir nota”. E ficou atrasado, enquanto o cara não abre a empresa, não pago. Vamos ajudar o cara se formalizar. Até para explicar para ele qual é a importância. Mas ele não consegue, tem de ir não sei onde, na Prefeitura, e ele tem de trabalhar, além de ter um gato, que ficou doente, ele é muito sentimental, e não foi na Prefeitura de novo. Daí pedi para a Carla: “Cobra o Lucas, vamos atrás dele”. Não dá, imagina, Janaína, ir num lugar, onde o Lucas, a Carla, o Caio, o João, a Maria, como é seu nome? (Pausa) a Patrícia, vão e, em 72 horas – e outro perrengue é abrir conta no banco, vai abrir conta no banco, estou até agora, falei para o Francisco, precisa assinar um documento lá, para eu ter um cartão de crédito lá, não abre. No Itaú, abri mais rápido, viu Dani? Não abre. Imagina, abri até conta bancária, Janaína.

Então, para mim, esse projeto é de suma importância. Essa é uma das bandeiras importantes, cadê meu amigo que perguntou, o que é que eu defendo aqui, Marcelo né? (Pausa) Estávamos falando sobre isso. Empreendedorismo, o respeito ao criador da riqueza, o respeito ao empreendedor no Brasil, é o começo da solução da pobreza no nosso país. O cara

que sai da faculdade, ou que sai do emprego para gerar emprego, para criar inovação. Defendo muito isso e ver esse negócio acontecer aqui no Cubo, partindo de você, com o NOVO, partindo dessa sala cheia mostra que o Brasil está interessado em mudar. Está interessado em empreender.

Então fico muito feliz, agradeço a oportunidade de falar aqui. Dei uma lida aqui rápida nos itens, eu achei espetacular, vou deixar o meu amigo Geraldo, que já disse que tem algo para sugerir, mas eu acho isso de fato acontecer. O mínimo de intervenção física possível, porque o microempreendedor está se matando para trabalhar para pagar as contas. Eles fazem tudo pela internet e vai lá só para assinar um documento ou concluir. Vai ajudar o Brasil crescer, a diminuir o desemprego e vai ajudar a nossa economia ir para a frente.

Agradeço a presença de todos e se vocês estão aqui é porque estão interessados em política. O preço que se paga por não se interessar por política é ser governado por quem se interessa. Eu falo essa frase toda a vez está no stories do Instagram e o pessoal lá decorou. Dona Iraci, melhor suco do Parque Europa lá no jardim Ângela. A gente esteve lá falando de empreendedorismo na comunidade, o Elivelton que é um baita exemplo de um cara, filhão, parabéns, Dona Iraci, ver vocês aqui me emociona muito.

Para terminar, me inspiro na Janaína falando e aprendo muito com você. Eu gosto de usar uma frase para terminar. A Janaína sempre fala de alguma coisa de inspiração e ando falando isso e tem a ver com o NOVO, tem a ver com o empreendedor, que não se acomoda, que não espera nada cair do colo, que não espera o governo decidir por ele e vem aqui discutir a lei junto. Vai abrir a sua empresa, vai procurar emprego ou vai montar o seu negócio por si próprio. Liberdade individual, é no indivíduo que está a geração de riqueza e aí o ex-presidente norte americano falava isso e eu estou falando isso toda a vez. Porque cada vez que eu falo isso eu me motiva mais e passo a mensagem para as pessoas. Para vocês irem embora daqui hoje com esse projeto discutido, animado, porque isso vai ser votado, vai passar e a gente vai ter isso quanto antes, Janaína, parando de se perguntar, está acabando meu tempo. O que o

Estado, o que é que a Prefeitura, o que é que o governo, o que é que o nosso país pode fazer por cada um de vocês. Vamos começar a se perguntar o que cada um de vocês como cidadão podem fazer pelo Brasil. Obrigado pela participação de vocês. Viva o NOVO, viva São Paulo e viva o Brasil. Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Parabéns, Vinícius, pela sua brilhante fala, muito inspirador e ele está seguindo os passos do supersecretário Wilson Poit que está dando um show a frente da Secretaria Municipal da Desestatização. O Poit pai sempre diz que uma hora a gente tem que vir a uma reunião do condomínio. É isso. Todos vocês e todos nós estamos aqui no grande condomínio que é a cidade de São Paulo e a gente está aqui com o compromisso de fazer essa cidade ir para o rumo certo. O rumo do empreendedor, para o rumo da geração de riqueza, da geração de valor, de valorizar os agentes de mudança que estão fazendo de fato esse Brasil acontecer. Essa cidade que carrega o Brasil.

Depois da fala do Vinícius, vou passar a fala para ele, catador de sonhos, o homem que catou latinha e hoje é um dos maiores empresários do Brasil. O NOVO estava fazendo no Largo 13 e perguntaram para as pessoas: “você conhece o Bernardinho”, “não”, “você ouviu falar de Geraldo Rufino?” “Ah, esse eu já ouvi”. Essa identidade, é esse o valor que você traz, Geraldo, a sua história, a sua vida, o seu testemunho, muita alegria e é com muita honra que passo esse microfone para você compartilhar com a gente esses ensinamentos maravilhosos além de tudo o que a gente aprendeu com o Vinícius e o Thiago.

O SR. GERALDO RUFINO – Boa noite, para quem não me conhece, meu nome é Geraldo Rufino, empreendedor mas, acima de tudo um brasileiro, uma cara que acredita no Brasil, na força do brasileiro, acredito no que o brasileiro é capaz de fazer. E depois da educação, o que levanta o país é o empreendedorismo. Aliás, o empreendedorismo começa na educação, acho que as crianças de sete anos, como eu, já deveriam ter noção de empreendedorismo, de fabricar o próprio pão, de aprender a pescar e então ele consegue fazer para ele e auxiliar alguém.

Essa bandeira que as pessoas estão levantando, a Janaína, a Aline, é uma prima de coração, e a Janaína de coração inteiro, são pessoas que têm noção da necessidade que precisamos para fazer a diferença, para mudar por meio daquilo que podemos fazer.

Agora, fazer uma audiência pública no cubo, sem noção, é tudo que precisava para ligar o que o empreendedorismo, essa coisa da política, do partido, da sigla, isso é muito bacana, mas pesquise. Acima de tudo não podemos parar de acreditar nas pessoas. Você tem uma sigla legal que é o NOVO, mas quem está no NOVO? Procure as pessoas, não podemos perder a conexão e o contato com as pessoas. Não só dos representantes, mas da outra ponta, o contato pessoa a pessoa, que fazem projetos, desenvolvem processos, fazem tecnocracia, fazem tecnologia, fazem engenharia, estão perdendo contato com as pessoas. Isso é contato, quando as pessoas se envolvem, quando as pessoas realmente entram na solução, participam da solução. Isso é se engajar, isso é fazer parte e não se lamentar do problema. Como se faz? Eu sou do tipo que não lamenta o problema, Eu empreendo desde os nove anos, e fui empreender catando latinha. Qual o problema? Catar latinha dá dinheiro, em qualquer coisa que você fizer dá dinheiro, é só uma questão de oportunidade. E o Estado precisa não atrapalhar. O que estão desenhando é a forma de não atrapalhar. O Estado não sabe o que fazer nem com o próprio umbigo, então, como é que ele vai querer reger, ensinar a empreender. Empreender é um estado de espírito, é querer fazer. Se você tiver a atitude de fazer e não tiver ninguém para atrapalhar, você vai querer formalizar, porque nós vamos empreender de qualquer maneira, porque empreender está na veia do brasileiro, que é empreendedor nato.

Até por uma questão de inteligência o Estado precisa não atrapalhar, porque vai arrecadar. Vamos empreender de qualquer forma. Eu adoraria, quando comecei lá atrás, se já tivesse simplicidade, se já tivesse uma Janaína, uma Aline para enxergar que o Estado tem de parar de colocar pedra no caminho e comece a fabricar degraus. Qual o degrau? Ele sair do meio, sabemos o que fazer, só precisamos que nos deixe fazer. Esse modelo, o que precisa do

empreendedorismo? Isso aqui, simplicidade.

Uma sugestão no projeto de vocês: a única que precisa para completar a simplicidade é quando chegar no final dos 90 dias, o governo não mais um gesso, ele vai dizer: Olha, você pode fechar em 90 dias, mas terá de pagar a taxa y e z.

O cara não tem, se ele está fechando é porque não tem o dinheiro. Ele não paga a taxa e vai virando uma bola de neve, taxa sobre taxa. Ele não tem nome, inspiração para começar de novo. Não estou dizendo que tem de doar para ele, mas deixa o CPF e para aquilo, para de deixar crescer, virar bola de neve. Fecha a empresa e fica devendo no CPF dele, não quero que o governo banque o que ficou devendo, mas quero que o governo aceite que ele feche a empresa, que tenha paz de ir para casa e saber que não continua crescendo, já que a empresa não produz mais. É a sugestão que tenho de ser colocada no final é que ele tenha o direito de fechar, mesmo que continue devendo no CPF o que deve para o Estado.

Essa simplicidade é tudo que precisamos, eu sou empreendedor a vida toda. E a única maneira de ajustar o país é ser gerador de oportunidade. As pessoas pararem de olhar para o empreendedor como explorador. O empreendedor é o cara que gera oportunidade. Esse cara precisa ter liberdade. Tudo que o Estado faz deveria ser bom, mas ele não tem condições porque pegou muita coisa para fazer e esqueceu o básico e hoje ele não faz nada.

Eu ando pelo Brasil afora com muito apoio, em todos os lugares que vou e que tem empreendedorismo, dizem: Tiago, parabéns, tem um dedo do Sebrae.

Eu não sei como funciona ou deixa de funcionar, mas onde tem empreendedorismo, tem Sebrae. E um problema que temos em nosso Brasil....

...eu ando pelo Brasil afora com muito apoio por todos os lugares que eu vou, que têm empreendedorismo. Thiago, parabéns, tem um dedinho do Sebrae.

Então, ou seja, eu não sei como é que funciona, como é que deixa de funcionar, mas onde tem empreendedorismo, tem Sebrae. E um problema que temos em nosso Brasil, na política, é que os nossos políticos não conhecem o Brasil! Brasília não conhece o Brasil. O Brasil é fantástico. Oitenta por cento do Brasil funciona, e funciona o empreendedorismo.

Funciona uma dona de casa que está com o umbigo no tanque e gera oportunidade para dois. Funciona com o cara que vende pipoca, que vende limão na rua. O empreendedor, que ele não tem noção que é empreendedor, ele já está gerando uma, duas, três oportunidades, mas ele não tem informação nem para chegar até o Sebrae, que é um puta braço de apoio ao empreendedor. Mas ele não consegue chegar lá, porque ele precisaria ter formalidade. Para ter a formalidade, ele tem a complexidade.

As pessoas falam de corrupção. A pior ferramenta que tem na área da corrupção é a complicação para vender facilidade. Cara, então se descomplicar, não tem o que vender! Não tem sentido eu ser vendedor de limão e precisar de um contador para abrir a minha empresa! Não vai ser aberta.

Então, isso que vocês estão lançando, para mim, que sou empreendedor nato e que acredito na força do empreendedorismo para levantar uma nação, é a melhor ferramenta que poderia ser lançada, em todos os sentidos. Medida prática, sem blá-blá-blá, sem discurso político. É coisa acontecendo na prática. Eu vivo isso em vida real. Então, talvez vocês nem tenham noção da medida. Quando se fala em projetos, em engenharia, deve-se lembrar de que existem pessoas. As pessoas fazem robotização, tecnologia, inovação e estão se esquecendo das pessoas. E quando você dá uma oportunidade para essas pessoas empreenderem, você mexe com a autoestima, você levanta a pessoa, você faz com que a pessoa volte a ter patriotismo. Parem de achar que o país é pobre. Nós não somos pobres. Parem de nos chamar de terceiro mundo. Terceiro mundo a “puta que o pariu”. Nós somos gente que faz. Nós somos brasileiros. Somos muito maiores do que imaginamos, só precisamos acreditar.

Que Deus abençoe a nossa trajetória. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Parabéns pela fala.

Já tivemos uma experiência como essa, só para compartilhar com vocês, que foi o marco legal da primeira infância, que propusemos em nosso gabinete. Então, por exemplo, o Poupa Tempo do Empreendedor foi protocolado no dia 31 de janeiro e o projeto começou a crescer. E aí, tivemos a grande felicidade em ter a Aline Cardoso, que hoje é a Secretária de Empreendedorismo, sendo coautora; Caio Miranda, que é outro Vereador super engajado na nova política; tem o Eduardo Tuma, que é o Vice-Presidente da Câmara, todos querendo somar e trazer a visão, fazer com que o empreendedorismo ganhe a relevância que merece que precisamos dar à cidade de São Paulo.

Então, peço muito para que todos se inscreverem.

Peço uma salva de palmas à Tamara, aqui representando a Aline Cardoso.

- Palmas.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Tem a palavra Renata Zanuto, que representa o Cubo. O Cubo é a casa dos sonhos de qualquer empreendedor. Quando estava em campanha, eu vim até aqui e fiquei maravilhada! Eu fiquei pensando se todos os empreendedores tivessem acesso a um espaço como este! Inclusive, este PL nasceu das mãos do Pripas e do Lucas Mendes. Eles me entregam a carta em Endeavor. Então, quando eles me apresentaram e quando este projeto foi para o papel, pela nossa equipe, eu falei assim: “A gente tem de fazer uma audiência pública no Cubo, para mostrar para o Brasil o nível do empreendedorismo da cidade de São Paulo”. E é esse padrão que a gente quer levar para São Paulo.

Então, agradeço por vocês terem aberto as portas, escancarado e nos recebido com tanto carinho. Obrigada. (Palmas)

A SRA. RENATA FAVALE ZANUTO – Obrigada.

Boa noite a todos. Em nome do Fábio Pripas, em nome do Cubo, em nome da Dani, eu agradeço e sejam todos bem-vindos ao Cubo. Espero que, depois, vocês tenham uma oportunidade de conhecer os andares.

Como que começou, né? O que é o Cubo e o que a gente tem a contribuir com o empreendedor? A partir dos anos 2000, principalmente no começo dos anos 2000, quais eram as iniciativas e qual era o apoio para as *startups*? Se formos pensar no começo dos anos 2000, eram poucas as iniciativas, era pouco o suporte que a gente oferecia ao empreendedor aos descartáveis. Se a gente colocar um pouquinho mais para frente, cinco anos depois, a gente vê que isso aumenta, então, entram algumas grandes empresas ajudando a comunidade, oferecendo algum tipo de suporte e se a gente vem hoje a partir de 2015 principalmente o nosso mapa tem n possibilidades, então, hoje o empreendedor tem acesso à aceleradora, a comunidade, a espaços, a incubadoras, as grandes empresas hoje têm iniciativas principalmente as empresas de tecnologia de apoio ao empreendedor, oferecendo créditos e também existem grandes casos de sucesso entre as star-ups e grandes empresas, porém, tudo isso estava separado.

A gente tem as aceleradoras, as comunidades, as grandes empresas e onde que estava tudo isso em um único lugar. Onde o empreendedor conseguisse ter acesso a todas as

informações em um único espaço que não tivesse um interesse exclusivo, a não ser essa conexão, a fazer toda essa conexão. Com isso o Cubo foi lançado para preencher uma lacuna de mercado que era densidade, oferecer um espaço único onde o empreendedor pudesse encontrar todo esse apoio, esse suporte que ele necessitava para escalar a mais ainda no mercado.

Com isso o Itaú em parceria com a Readpoint Ventures, os cofundadores do Cubo são Itaú e a Readpoint Ventures eles fizeram a iniciativa do Cubo para poder dar essa densidade aos empreendedores. Então, o Cubo é uma associação sem fins lucrativos entre a Readpoint Ventures e o Itaú para promover essa densidade ao empreendedor. O objetivo do Cubo é fazer a conexão entre a star-up e a star-up, a star-up e a universidade, a star-up e uma grande empresa, star-up com empreendedores e a star-up com investidores para fazer essas pontes e gerar negócios. Gerar ainda mais incentivo.

Quando a gente fala de densidade o que eu quero dizer com isso? Ocupo hoje dentro do Cubo mais de 600 pessoas por dia e mais de quatro eventos por dia. Isso gera mais de 600 pessoas no prédio. Em residentes dessas 600 pessoas nós temos aproximadamente 250 residentes em 54 star-ups que foram selecionadas para estar aqui. Esse potencial era ainda maior, então, tem muitas outras star-ups muito boas e que gostariam de estar aqui, que gostariam de estar nesse ambiente e proporcionando ainda mais negócios. Com isso, há dois meses há dois meses foi anunciada a expansão do Cubo. O Cubo vai para um prédio ainda maior, vai quadruplicar em todos os sentidos e tamanhos em star-up, em residentes e em eventos para promover ainda mais conexão e gerar negócios para as empresas porque o que a gente quer é colocar o empreendedor também, além da frente do investidor, na frente do cliente dele. É fazer com que as grandes empresas tenham contato com esse empreendedor. Onde procurar isso também? Muitas vezes a grande empresa quer a transformação digital e ela nos procura também para entender esse ecossistema.

Há iniciativas como essa que apoiam ainda mais o empreendedorismo e para a

gente é fundamental e claro que a gente apoia. Para gente quanto mais a gente vê, mais apoio e mais suporte e com iniciativas como essa sua, Janaína, parabéns, é incrível porque é isso que o empreendedor precisa para ainda ter mais sucesso no mercado. Por isso que é um honra para nós recebe-los, sejam todos muito bem-vindos é uma honra para eu dividir palco com vocês e espero que a noite seja muito proveitosa para todos nós. Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Eu só tenho a agradecer esse time de ferres que estão aqui, que fizeram a apresentação. Acho que o Thiago trouxe uma visão mista, de público-privado, a Renata trouxe a experiência do Cubo, mostrando como funciona um espaço transformador como esse, a proposta que o Cubo traz. E o Vinicius vem aqui como empreendedor, fazendo um movimento cívico de transformação na política; traz também a experiência de quem colocou no papel e fez acontecer, sonho grande. E Geraldo Rufino. O grande catador é o brasileiro comum; é o brasileiro do Capão Redondo, onde nasci, da periferia, do Jardim Ângela. A gente vai lá tomar café, suco de maracujá. O Vinicius vai levar a gente. Eles estão mostrando o Brasil que dá certo. Aqui, nesta sala, mostramos uma São Paulo viva, empreendedora, capaz de gerar várias transformações. Então, fico muito feliz de termos esse espaço.

Ele ainda não falou, é o próximo a falar: Mark Lund. Mark Lund foi professor da minha irmã no curso de Liderança 360 da FGV, e ela dizia: “Você tem que conhecer o Mark”, “Você tem que conhecer o Mark”, “Você tem que conhecer o Mark”, até que eu tive a felicidade, pela Isabel, de conhecê-lo. A Isabel falou: “Você tem que conhecer o Mark”. Eu nem liguei os dois “Marks”. Na reunião, eu perguntei a ele: “Por acaso, você dá aulas na FGV?”. Ele disse? “Dou”. E eu: “Prazer. Você é o grande Mark, que minha irmã sempre fala nos almoços que eu tenho que conhecer”. Então, eu vou deixar que vocês o conheçam e aprendam com ele coisas que eu sempre aprendo em todas as nossas reuniões.

Depois de termos tido essa visão dos nossos grandes speakers, quero contar o que é esse PL do empreendedorismo; como, na vida real, a gente pode transformar uma ideia em

um projeto de lei. Explicando um pouquinho, abrindo a caixa preta, o que é um projeto de lei? Por que as audiências públicas não são assim? São esses novos modelos, essas novas formas de fazer política é que a gente está aprendendo a construir juntos.

Quero começar a falar de empreendedorismo mostrando a Andréa. Fica de pé, Andréa. Ela foi quem fez o nosso coffee break. (Palmas) Ela é da Adocicatto Chocolate. Vou contar um pouco. Todos os dias, a Andréa vai de gabinete em gabinete levar doces, salgados, uma série de coisas maravilhosas pela Câmara Municipal de São Paulo. Aí, você pensa: esse é o brasileiro. Ela tem um talento, um dom; tem mãos que transformam uma receita, um pedaço de papel em coisas pelas quais a gente se desmancha. Esse é o brasileiro comum. É isso o que faz o Brasil dar certo. Muitas vezes, o que o Estado faz? Atrapalha a vida de um brasileiro que quer dar certo. Então, espero que todo mundo tenha provado as loucuras que ela faz. Regime não existe na Câmara Municipal com a Andréa visitando a gente todo dia (risos). A Andréa é um grande exemplo de uma empreendedora que faz a coisa acontecer.

Partindo da Andréa, quero contar uma coisa que não costumo contar muito, que é o meu lado empreendedor. Desde muito cedo, comecei a empreender. Quando eu tinha 17 para 18 anos, abri minha primeira empresa. Era um momento em que se fazia condicionamento de cartuchos. Naquela época, eu estava precisando juntar dinheiro para pagar as inscrições do vestibular; afinal de contas, na quebrada a coisa era muito difícil. A gente não sabia se pedisse a gratuidade, ela iria vir. Aí, eu pensava: “Eu tenho que me preparar”. Então, eu abri o meu negócio. Só que, aí, como todo e bom brasileiro, começo então a conhecer os entraves da burocracia, todo o dilema de você ter que colocar a sua ideia de pé.

Depois, não parei por aí. Quando eu entrei na faculdade, o dinheiro do estágio não dava para pagar todas as despesas. Então, eu abri uma fábrica de biquínis e comecei a vender biquínis. Comecei a costurar, cortar, fabricar, vender, conversar com o fornecedor e ainda ter que dar conta da burocracia. Não bastasse isso, o biquíni não estava dando conta. Então, quando começou a Páscoa, eu disse: “Vamos vender chocolates”. Então, também comecei a

fabricar chocolates. O chocolate também não estava dando conta, e por aí vai. Assim foi a minha veia empreendedora.

Eu, mais do que nunca, também como uma pessoa que tentou, encaro o desafio da Câmara Municipal como um empreendimento todos os dias. Você estar na política e fazer diferente é empreender. É você fazer mais com menos, é você ver na dificuldade uma oportunidade, é enxergar abundância na escassez. Acho que essa é a grande diferença desta sala, de quem de fato faz este país acontecer.

Entra agora no Poupatempo do Empreendedor. (Pausa) O Thiago vai ter que nos abandonar, afinal de contas essa veia política dele é até no clube, não é? Thiago tem que ir lá votar o orçamento, pois ele é conselheiro. Ele vai nos deixar, mas fez questão de vir aqui e deixar sua mensagem, de mostrar mais uma vez o apoio, que estamos juntos. Obrigada, Thiagão, por você ter vindo. É um privilégio ter você aqui neste evento conosco. Você sabe que as portas do gabinete estão sempre escancaradas para você.

- Falas longe do microfone.

O SR. THIAGO LOBO – Eu sou dentista de formação. Depois, fui estudar nos Estados Unidos. E conversando com os empreendedores lá, lembro-me de uma frase que me marcou muito. Eu perguntei a um cara: “Mas o que o Governo te dá de subsídio aqui? Como é que o Governo americano te estimula?”. Ele respondeu: “Ele não me atrapalha”. Então, já ter um Governo que não te atrapalha já é bastante coisa. Então, a Janaína está mostrando hoje que ele está querendo tirar. Deixa que o cidadão, deixa que o empresário faz o que o Estado não tem que se meter. A gente gera riqueza. Vocês três falaram isso. Deixa o empresário gerar riqueza, e o Estado cuida do que é essencial para que uma cidade, um Estado ou um país se resolva. Esse é um pouco do discurso, da pauta do Partido Novo.

Pessoal, desculpem de verdade.

(NÃO IDENTIFICADO) – Eu queria fazer um comentário. Eu faço palestras pelo Brasil no mínimo 3 vezes por semana e falo no mínimo com 3 mil pessoas. Então, de cada 3

eventos, eu dou de cara com uma plaquinha do Sebrae. Ou é o próprio Sebrae que fez, ou o Sebrae tem um dedinho, ou o Sebrae deu as passagens. Ou seja, todo lugar que eu vou que tem empreendedorismo, gente, tem o Sebrae.

Não sei como é constituído o Sebrae, mas a impressão que eu tenho é que cada lugar onde o Sebrae está tem dono, é uma família, porque as pessoas tocam como se fosse delas. O modelo de vocês é exemplar. Eu me sinto em casa. Eles tratam de forma diferenciada, eles entendem, querem levar o público lá para dentro, o empreendedor. Estamos em cidades pequenas do Brasil que nem eu imaginava que existiam. Quando chegamos lá, tem 300, 500, 800 empreendedores dentro de uma sala, graças à equipe do Sebrae que toca aquilo como se fosse deles. E o que vocês estão fazendo pelo empreendedorismo pelo Brasil, sou testemunha viva disso, pois faço isso 3 vezes por semana.

Os nossos representantes hoje, os nossos gestores políticos tinham que estar lá. Eu faço um vídeo de vez em quando e mando para alguns deles para dizer o que é empreendedorismo, pergunto se conhecem esse pedaço do Brasil, e o Sebrae conhece.

Então, parabéns pelo trabalho e não parem com isso, porque vocês fazem a diferença. O que mais precisamos é que vocês deem continuidade ao que estão fazendo para apoiar essa abertura, que vai triplicar a quantidade de empreendedor. Se o Sebrae fizer o que já venho assistindo, nós vamos ter um Brasil melhor para ontem, porque essa coisa de Brasil para o futuro é coisa para inglês ver. O que importa é o agora, e o Sebrae e esse projeto têm tudo a ver com isso. (Palmas)

(NÃO IDENTIFICADO) – O Sebrae é isso, mas ele depende de quem está na Câmara Legislativa, de quem vai estar lá. Esse é o conjunto da obra, porque ninguém trabalha sozinho.

Por isso, Janaína, conte com o Sebrae. Parabéns. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Olhando para o Thiago, lembrei de um pedaço da minha história. Sempre nos encontrávamos na praia, e eu passava todas as minhas

férias, até o Carnaval, vendendo sanduíche e com essa venda eu garantia 50% da mensalidade. Era chão. Eu fazia todo o litoral Sul a pé, todos os dias. Eu tinha uma amiga que vendia roupa e até hoje tem uma loja no Jardim São Luís, ao lado do Capão. O irmão dela tinha uma Fiorino velha, onde colocávamos um colchão no fundo para dormir depois de ter passado a noite fazendo os sanduíches e para às 6h começar a vender na praia.

É esse o Brasil de quem quer vencer. Quanto mais trabalhamos e lutamos, mais temos sorte. É esse o Brasil que temos que valorizar. Essa história que tentam contar, de país do vitimismo, não, somos um país que dá certo, com gente de garra, que quer vencer, quer trabalhar e quer oportunidades.

É isso que queremos fazer como Poupatempo do empreendedor. Como eu já disse, esse projeto nasceu com inspiração da Carta endeavor e objetiva que o empreendedor tenha sua empresa aberta no máximo em 72 horas, o fechamento em 90 dias e pela primeira vez fazer uma inversão da forma como atualmente estão conjugados os papéis, pois hoje tudo fica nas costas do empreendedor. Por exemplo, a Prefeitura determina um prazo de um mês, mas ele pode ser prorrogado para dois, três, um ano. Aqui não tem isso, a gente está invertendo. São 72 horas para a Prefeitura dizer se tem algum apontamento ou não. Em não fazendo, estará automaticamente aberta. O prazo, portanto, corre contra a Prefeitura e não contra o cidadão.

Esse projeto, portanto, é para colocar as coisas nos trilhos, é para colocar a lei a favor da sociedade; e o fechamento segue a mesma lógica.

Para fazer o que o Geraldo sugeriu, podemos até pensar em construir com o Executivo como poderíamos fazer isso com os impostos municipais, mas que são poucos, as famosas tarifas, as taxas. Gostaria que o rapaz do alvará informatizado depois fale para que fique registrado nas Notas Taquigráficas.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Ótimo.

Então, fazer as coisas entrarem nesse caminho, de como podemos. Para isso, vamos precisar realmente de representantes na Câmara Federal e no Congresso Nacional para fazer tramitar um projeto desses para que, de fato, uma ideia como essa ganhe escala, consiga, de fato, ter a isenção ou, sei lá, um prazo para poder pagar. Eu lembro, por exemplo, que eu demorei oito anos para fechar a minha empresa de cartuchos, exatamente porque eram inúmeras as tachas; sempre que eu achava que ia fechar, ligava o contador e, seis meses depois, ainda tinha um monte de tachas para pagar. Quem quer fechar uma empresa vive um pesadelo. O sonho de abrir, a esperança de que vai dar certo vir um pesadelo na hora de fechar. Eu experimentei isso aos 17 anos e sei muito bem o que é. Diferentemente é pensar em obter um CNPJ em 72 horas e ele estar apto para abrir uma conta bancária pessoa jurídica. Com isso, uma empresa está pronta para operar, para fechar negócios, fechar contratos e manter o sonho de pé.

Na verdade, esse projeto é um grande viabilizador de grandes sonhos. Não é nada além daquilo que o empreendedor quer fazer, que é realizar um grande sonho, construir sua própria narrativa, construir seu projeto de vida.

A outra grande inovação desse projeto é fazer com que todos os procedimentos de abertura de uma empresa sejam feitos num único movimento. Isso significa um passo a passo e não ir à Prefeitura fazer isso e aquilo e perceber que o CNPJ ainda não saiu e dizerem que isso ou aquilo foi esquecido. Você sabe que não esqueceu, porque não estava previsto fazer isso. Então, nunca termina.

O objetivo, então, é informatizar, organizar esse passo a passo para o empreender e para que a maioria dos serviços sejam informatizados, para que a pessoa não tenha que ficar indo trilhões de vezes à Prefeitura ou aos serviços públicos e que possa, em uma única vez, se necessária sua presença, caso a empresa seja de baixo risco. Aqui na cidade de São Paulo já está acontecendo um movimento muito legal, que é o Empreenda Fácil, um projeto, que, na verdade, estamos construindo com o Executivo para se tornar uma normatização do projeto

Empreenda Fácil da Prefeitura, para que consigamos, de fato, fazer esse *link*. Hoje, na Prefeitura de São Paulo, empresas de baixo risco já conseguem obter autorização em sete dias; o que, até quatro meses atrás, demorava cem dias. Então, já estamos num movimento de avançar essa pauta empreendedora.

Com isso, propomos que todas as burocracias dessas empresas de baixo risco sejam todas informatizadas. E realmente só tendo um roteiro que exija presença, que tenha uma burocracia necessária, e não a que atrapalha, quando a empresa for de alto risco e que há necessidade de ter comprovação pessoal do empreendedor.

Assim, queremos fazer um projeto que realmente mude a vida de São Paulo.

Falamos do projeto de lei, dessas 72 horas para abrir, dos 90 dias para fechar, que ele informatiza uma série de serviços. Mas como isso vai se tornar em realidade? Vamos dizer como funciona desde o protocolamento até a sanção de uma lei.

Primeiramente existe a redação inicial de um projeto de lei. Protocola-se esse projeto de lei. No caso, o projeto do Poupatempo do Empreendedor, protocolamos no dia 31 de janeiro e depois ele passou pela Comissão de Constituição e Justiça. A Letícia é a assessora do Mario Covas Neto, grande e querido Mario Covas Neto que preside a CCJ da qual sou vice-presidente e que é a Comissão responsável por dizer se o projeto é legal, constitucional. O que é isso? Esta Comissão salvaguarda os conceitos da Constituição Federal, que é a Lei Maior que rege nosso País. Se um projeto está em desacordo com os preceitos constitucionais, ele é rejeitado nesta Comissão.

Então, dia 31 de março, ele passou pela CCJ e no dia 7 de agosto foi aprovado em primeira votação. No dia 14 de agosto, tivemos a primeira audiência pública que foi feita na Câmara Municipal.

Passou a primeira audiência e depois temos a segunda audiência. Tem projetos de lei que não precisam de audiência pública porque são projetos meramente técnicos e administrativos. Quando um projeto muda, interfere na vida e na rotina do cidadão, exige-se em

média duas audiências públicas no mínimo. Por isso esse projeto de lei tem esse rito mais solene e todo o projeto de lei precisa passar por duas votações. Então, ele passa duas vezes no plenário.

O que significa quando um projeto é aprovado? A Câmara Municipal de São Paulo tem 55 Vereadores e para dizer que um projeto foi aprovado ele pode ter um quórum simples ou um quórum qualificado. Quando precisa de quórum qualificado, ele vai mudar a Lei Orgânica do Município, que é como se fosse a Constituição municipal. Geralmente, é quando se mexe em código de obras, quando tem uma lei muito específica e tem grande complexidade.

Aqui, o Poupatempo Municipal do Empreendedor é um projeto que tem quórum simples, que precisa de maioria simples, ou seja, a votação de 28 Vereadores – metade mais um - já garante o projeto ser aprovado e foi o que aconteceu no dia 7 de agosto.

Com esta audiência pública o nosso projeto está habilitado para seguir na segunda e última votação e depois que o projeto para a segunda votação, ele já pode seguir para sanção ou veto do Prefeito.

O que falta para o nosso projeto de lei virar uma realidade é passar por mais votação no plenário da Câmara Municipal de São Paulo com maioria simples. Os Vereadores votando favoravelmente já podemos sonhar com a sanção do Prefeito João Doria e este projeto virar lei e termos uma nova realidade para o empreendedor de São Paulo.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. JANAÍNA LIMA – Toda lei é regulamentada pelo Executivo, que é quem vai executar os princípios da legislação. O Executivo tem uma regra de sempre convidar o autor da lei para construir junto a normatização que vai reger esse decreto regulamentar, mas é livre arbítrio da Prefeitura. Então, ela tem a possibilidade de construir ou definir, mas tem de

seguir os termos da lei. Não dá para mudar o que está ali. Se foi aprovado e o Prefeito sancionou, significa que o chefe do Executivo concordou com os termos, caso contrário, normalmente, quando não concorda, veta a iniciativa.

Gostaria de citar uma frase do Geraldo Rufino: “Ele não contrata currículos, ele contrata empreendedores. Para cada sonho que ele tem, no mínimo, 12 horas de valor agregado de trabalho por dia possui esse sonho.”

O meu gabinete tem uma marca que chama gabinete empreendedor. O meu time é empreendedor. Gostaria de pedir para aqueles que elogiaram o projeto para que aplaudissem esse time porque, na verdade, os verdadeiros responsáveis pela iniciativa do Poupatempo Municipal do Empreendedor são eles.

- Aplausos.

A SRA. JANAÍNA LIMA – Vamos agora fazer uma dinâmica que chama Aquário. O que é o Aquário? Normalmente, na audiência pública, vamos chamando os nomes e as pessoas vão falando.

Aqui, na verdade, além de vocês darem a contribuição, vocês podem contar a experiência de vocês como empreendedores. O que este projeto de lei vai influenciar e trazer sua mensagem.

Queria que o Marco contasse sua experiência de empreendedor, de professor.

O SR. MARCO – Boa noite a todos.

Eu comecei, em 1986, a empreender vendendo mousse na praia de Maresias. Por que escolhi Maresias? Porque a Jana já estava no litoral Sul vendendo sanduiche e eu sabia que lá não teria chance. (Risos)

A Andrea já estava em São Paulo vendendo os doces aqui e o único lugar que sobrou foi lá e comecei a vender mousse. O pessoal falava que eu pensava fora da caixa. Eu

falava: “penso fora do cubo, nem na caixa eu estou. Estou fora do prédio até.”

Com o passar dos anos acabei abrindo mais lojas. 15 franquias em São Paulo e vendendo nos shoppings até que voltei para Maresias e abri outro negócio. Então, passei 20 anos empreendendo até que a GV descobriu a minha história maluca e me chamou junto com o Abílio Diniz para dar um curso sobre liderança empreendedora no PEC, Programa de Educação Continuada.

A PEC gostou tanto que me apresentou para a Babson College, que é a número um do ensino em empreendedorismo do mundo. Eles me levaram até Boston, eu contei a história. Eu pensava, gente, eu vendi isso na praia, o que estou fazendo em Boston? Graças a Deus, comecei uma trajetória com eles de ensino de empreendedorismo. Eu e a Jana temos conversado sobre a possibilidade de ensinar.

O Geraldo falou, a pessoa com 17 anos. O Tiago falou da mulher que vai abrir restaurante não sabe todas as questões, mas ela já tem 30, 40 anos. E a nossa criançada? Por que esperar a pessoa ter aquela idade para começar a ensinar.

Então, nesses últimos 15 anos, ensinei para desde a primeira séria onde a gente não usava a palavra complicada empreendedorismo, mas usava a palavra sonho e ajudei a Prefeitura de São José dos Campos a montar o Cedemp – Centro de Empreendedorismo. Tiveram quatro gestões na prefeitura com ensino na escola pública.

Então o meu sonho, e vocês estão falando, o meu são 12h por dia, é conseguir juntar Estado, empresa e escola. Se essa criança, e eu estive em São José dos Campos, a semana passada, na primeira Feira de Empreendedorismo com crianças de 14, 15 e 16 anos. Vocês tinham de ver o brilho no olho deles. Eles tinham *business plan*, tinham protótipo, tinham *stand* pra vender produtos. E os professores ficaram empoderados com o entusiasmo das crianças. Tanto é que uma delas me mandou um recado - e eu compartilhei com a Jana - chorando, se sentindo tão empoderada como professora dessas crianças. Quando você vê a criança começando a entender que não é uma teoria para daqui dez anos, é a prática. O

empreendedorismo é a prática hoje para, daqui a pouco, ter teoria.

Então eu peço, meu sonho seria com você, seria fazer alguma coisa na rede das escolas públicas de São Paulo, de alguma maneira ou da forma como fizeram em São José dos Campos, ensinar empreendedorismo para as crianças para que quando chegarem aos 17 anos, já saibam o que é protótipo, o que é *business plan*, o que é *pitch*, que sonham com essa possibilidade.

Vou fechar contando um pequeno caso. Em São José dos Campos, na primeira série, eles tinham um desafio: qual é o seu sonho? E na primeira série uma das crianças levantou a mão: professor, o meu sonho é voar num avião, e eu quero levar todos os meus colegas. Dentro de um ano, eles conseguiram viajar em um voo da Embraer, ele realizou aquele sonho. Geraldo, você acha que essa criança não vai sonhar o resto da vida? Vai passar a acreditar.

Então quanto mais cedo começamos a cutucar o sonho desse pessoal, melhor.

Gostaria de agradecer muito a Jana, a vocês todos.

Este homem aqui, eu uso como exemplo dentro do curso 360 da GV. Lembro-me de um vídeo seu fora de série: quando a vida me levar pra cima, estendo a mão e puxo alguém comigo. Por isso a gente tem de votar nele pra senador! (Risos) (Palmas)

Agora nós abrimos o aquário pra vocês contarem as suas histórias.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Obrigada. Agora vamos começar com a participação pública no formato aquário. Cada pessoa terá três minutos, vamos fazer o aquário girar bastante. Pra começar, Renato Cella, coordenador do Vem Pra Rua.

O SR. RENATO CELLA – Tudo bem, pessoal? Quero agradecer a todos porque o Brasil está mudando de verdade. Isto aqui é a maior demonstração disso.

Concordo inteiramente. Eu sou contador, além de fazer parte do Vem pra Rua, há 25 anos sou contador, tenho um escritório próprio e sei exatamente o que é abrir uma empresa neste País. Hoje vemos o Estado como dificultador e não como facilitador. Isso precisa mudar

urgente porque desestimula o futuro. Os jovens quando começam a ver o tamanho da dificuldade, começam a se perguntar: será que vou mesmo abrir uma empresa? Isso é completamente errado, o jovem tem de ser incentivado: eu quero meu sonho, quero buscar tal produto, quero realizar tal serviço. Não tem de ficar se preocupando com burocracia, que muitas vezes chamamos de *burrocracia*.

Concordo bastante com o projeto, acho de fundamental importância principalmente fazendo conexão com a Jucesp. A Jucesp hoje está integrada com o CNPJ, com a Receita Federal. Em alguns casos, você em três, quatro dias tira o registro mais o CNPJ. A parte da Prefeitura ainda está separada. É muito importante fazer a conexão, e o Poupatempo vai vir com a intenção de formar um cadastro só, ter um protocolo só. É impossível estar em três, quatro órgãos fazendo protocolos, perdendo tempo e o negócio fechado. Você podendo contratar pessoas, pagando aluguel, pagando várias despesas enquanto está correndo a burocracia. Então é de fundamental importância fazer a conexão com a Jucesp, com os órgãos estaduais, com a Receita Federal e também com os cartórios de pessoas jurídicas. Há modelos de empresa que não é registrado na junta, registra-se no cartório de pessoa jurídica.

Nós, contadores, uma ideia que nós temos, e no Vem pra Rua falamos muito, é a questão da redução de custo. A Prefeitura e os próprios órgãos estaduais – sejam federais ou municipais –, trazem uma obrigação hoje em dia muito comum, que é o certificado digital, que tem custo, mas facilita uma série de serviços. A nossa questão é a seguinte: por que não abrir a empresa pelo certificado digital? Evita-se assim o reconhecimento de firma em cartório, as autenticações, os gastos enormes que temos com os tabelionatos, e é pra falar que você é você. Cadê a verdade, cadê a confiança no empreendedor? Se o *cara* mentir, ele vai ter de arcar com as consequências da sua mentira, mas não pode ser considerado mentiroso de saída. Por que não usar o certificado digital pra abertura de empresa?

A minha dúvida e também em relação: essa será uma central única, um grande prédio, um grande galpão utilizado, mais ou menos como o Poupatempo da Sé ou vão ser

vários pontos pequenos? Talvez essa seja uma questão pra se verificar junto ao Executivo, mas se puder incluir o esclarecimento de como vai ser a estrutura, central ou pulverizada pela Cidade, seria ótimo. A nossa sugestão é que seria melhor se fosse pulverizada pela Cidade e priorizando a periferia. A periferia é esquecida nesta Cidade. Eu sou do Bonfiglioli, e a gente sabe o que é abrir uma empresa lá, é um tipo uma viagem pra conseguir chegar aos órgãos públicos.

A nossa dúvida e aí sim, comum no Vem pra Rua, é quais seriam as estruturas que serão enxugadas do Município de São Paulo pra criar essa nova estrutura? Onde vai ser cortado gasto pra criar um novo gasto?

Obrigado, pessoal.

(Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Só pra responder a pergunta do Renato, o intuito é ser pulverizado. Em todas as prefeituras regionais haveria uma praça trazendo esse conceito de Poupatempo, que já existe no Estado, que no Município vai chamar Descomplica. É outro modelo de serviço. O que nós propomos dentro do Poupatempo do Empreendedor vai entrar como um dos serviços dentro de uma gama de serviços do Descomplica.

A ideia vai ser lançada agora, há uma emenda nossa, nós ajudamos, fizemos acontecer o Descomplica. O primeiro vai ser em São Miguel, inaugurando um novo modelo de política pública descentralizada facilitando a vida do cidadão. Essa é a ideia, mas a gente tem de ver mesmo como é que vai ser na prática.

Pra gente continuar, obrigada Renato por ter vindo participar. Parabéns, foram ótimas as suas contribuições.

Vou chamar o Vinicius Marchiori da Revolugenix Biotecnologia.

O SR. VINICIUS MARCHIORI – Eu vejo muito em se falar em empreendedorismo, com vários níveis de dificuldade e com vários tipos de trabalho, TI, Comercio e tudo. Tenho duas empresas: Revolugenix Biotecnologia, faço pesquisas com células troncas, e abri uma

empresa de cosméticos, temos um e commerce, aproveita os espaços dos laboratórios, pessoal, tudo, nos intervalos, a gente demora quase dois anos entre fase um e fase dois, de pesquisa, ou seja, de piloto, para pedir uma verba para a Fapesp de até 200 mil reais, para isos tornar uma verba até um milhão de reais, que esse tipo de pesquisa é necessário uma verba maior, você demora quase dois anos, e para estabelecer o seu negócio, pesquisa ok, a gente estava fazendo eu estou desde de 2011 com a empresa aberta tentando abrir um centro de tecnologia celular. E de acordo com a Anvisa e a RDC que fala sobre Centro de Tecnologia Celular somente o CTC pode trabalhar com células tronco e prestar serviços, temos de estar com isso montado, não dá para fazer em clinica, não dá para fazer em um banco de células tronco geminativa como é a de cordão umbilical, e para fazer isso, você tem de enfrentar uma Anvisa local, muitas vezes a Anvisa, já participei de muitas reuniões desse tipo na Anvisa, das regras bem feitas para a gente e quando chega aqui você esbarra com gente muito complicada. Minha pergunta: a gente vai ter nesse Poupatempo do Empreendedor a Anvisa ou a vigilância, da Prefeitura do Município de São Paulo, integrada, por exemplo com a Jucesp que fala pra mim; Olha o código que a vigilância pediu para você, não temos no sistema e você simplesmente tem de aguardar existir um código. Uma coisa para lá de absurda. Eu não estou pedindo 72 horas. Não estou pedindo nem uma semana para ficar com a empresa aberta, é uma empresa de risco, temos de ser avaliados, tem aprovação de planta que é uma coisa que só tem aqui no Brasil, lá fora você monta, chama eles fazem a vistoria, de acordo com alguma norma ISO qualquer coisa, você montou sua norma da Anvisa, você monta seu negócio, eles vem e aprovam o funcionamento, Aqui não! Você tem de aprovar planta, e depois de aprovar planta você constrói, eu já vi empresas que ficam mais de um ano paradas com dois milhões, 10 milhões, quinze milhões de investimento em equipamentos, sala limpa, esse tipo de coisa, Se não acelerar isso, a gente nunca vai ter esse tipo de negócio no Brasil. Tem um CTC montado, funcionando direitinho, em Curitiba uma amiga minha que está ministrando uma palestra agora aqui em São Paulo - espero ter o meu em breve.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Excelente contribuição. Vinicius. Muito bom mesmo. Algo para pensarmos. Obrigada!

A SRA. _____ – O grande foco é esse. Perlo o que você está me falando, sua empresa não se enquadraria...

O SR. VINICIUS MARQUIOLE – Enquadra. Sou micro empresa...

A SRA. _____ – Com esse detalhamento...

O SR. VINICIUS MARQUIOLE – Não. Não. Sou micro empresa. Não tenho faturamento...

A SRA. _____ – Porque você pesquisa.

O SR. VINICIUS MARQUIOLE – Então, esse é outro problema. Você como uma empresa de pesquisa, por exemplo, não pode abrir um serviço de atendimento. Tem de ter outro quinaí. Mas sou uma mico empresa, não tenho nem faturamento. Vivo de bolsa, vivo de outra renda. por isso que abri uma empresa de cosméticos. Eu recebo dinheiro para pesquisas. Esse dinheiro não entra para mim, ou para comprar coisas para a empresa, esse dinheiro tem de ser 100% destinado a pesquisa. A Fapesp – Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado de São Paulo. Então, eles me dão dinheiro para a pesquisa, e é muito dinheiro. Veja, como eu pedi agora, 780 mil reais, a Fapesp está me concedendo agora, depois de quase dois anos esperando. Nesse tempo vive do quê? Eu precisava montar um serviço para prestar serviços e começar congelamento de células, uma coisa mínima, até chegar a um faturamento para eu sair de micro empresa, leva muito tempo! Demora muito tempo. Sim. Sou micro empresa eu preciso... Vim aqui por isso, porque muitas vezes somos esquecidos. É muito fácil lembrar de micro empresa, de empresa de TI, ou empresas como chocolates, vôlei, etc... É muito fácil a gente enxergar a micro empresa. Mas o empreendedor, mesmo eu trabalhando com alta tecnologia e eu precisando de uma verba muito grande para pesquisa, eu começo do zero. Os senhores estão falando em abrir conta! Ah, que ótimo abri conta. Acho muito importante. Eu

estava dentro da incubadora CIETC dentro do IPEM, e na hora de abrir conta bancária, ok! Fácil abrir conta bancária. O problema é me dá um cartão BNDS. Ah, o cartão BNDS o pessoal do Banco do Brasil vai dar para vocês esse cartão do BNDS. Legal. Preciso comprar equipamentos que são super caros, com dinheiro próprio, - coloco dinheiro meu – minha empresa não só ganha, como gasta o meu dinheiro. O meu, o da família, de quem conseguir ajuda. E você precisa parcelar isso de uma forma que você consiga pagar, demorar de dois a três anos de pesquisa para depois começar a ter um faturamento encima daquele produto deferente de TI, mais rápido sai o produto, você testa mercado. O nosso não. Enquanto não tiver aprovado pela Anvisa, e só é aprovado dentro de uma planta autorizada para isso funcionar. Ir para as ruas, para ser um produto de verdade, até então ele não é um produto. Se eu não aprovar essa planta, ele não é um produto, se eu não construir essa planta não tenho como pedir autorização para um produto feito, ou um serviço, feito dentro dessa planta. Até então não temos faturamento. Precisa de um cartão BNDS. Nossa! Empresa sem faturamento não existe. Vi isso dentro do Banco do Brasil. Claro que existe. Acabei de empresa, sou empresa de pesquisa. Não temos faturamento. Fazemos projetos, vive de bolsas, de recursos próprios de fora. Guerreiro mesmo. Ah, não! Não dá, porque vocês não tem faturamento. E nunca vai dar. É uma coisa que simplesmente não existe. Esse tipo de coisa, ok. Não é da alçada o cartão BNDS, claro banco interessante porque Bradesco fornece cartão BNDS , Itaú, não sei, mas a vigilância sanitária integrada é o mínimo que eu preciso para minha empresa funcionar. É a vigilância sanitária, pelo menos da atender você. Eu fiquei um ano batendo na porta deles, não vou contar como que consegui ser recebido lá dentro. Obrigado!

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Com a palavra o Sr. Marcelo Doria.

O SR. MARCELO DORIA – Obrigado a todos. É um prazer estar aqui. Sou empresário, tenho duas empresas, uma na área de negócios do esporte e ou área digital de engajamento de Frans. Achei muito legal o que o próprio Geraldo e o Vinicius, sobre a história de estar fechando as empresas. A gente ouve muita história principalmente nos Estados

Unidos, aquela valorização do empresário que teve um fracasso. O cara fracassou, vou contratar esse cara, porque esse cara já adquiriu uma experiência. Acabei empreendendo desde dos 20 poucos anos, naquela época em que palavra empreendedorismo não existia, Até passei por uma situação engraçada, a primeira vez que teve um investidor, foi entrando em uma empresa minha, e fizeram meio que um debate: “Você faz o quê? Trabalha com comercial?” Trabalho! Aquele comercial pastinha? Não! Então você é o administrador. Ele disse: Eu administrador? Eu administro. Mas você só faz isso? Não!

Hoje em dia esse negócio e empreendedorismo é muito legal. Porém eu vi muitos companheiros que acabaram o que? empreenderam, o negocio deu errado e esse cara acabou ficando mais cinco anos da vida dele correndo atrás do rabo. Porque muito mais do que as taxas para pagar para fechar a empresa,... Você vê lá fora, países como os Estados Unidos. O cara empreende, vai movimentar a economia, vai criar emprego, mas o negócio deu errado. Isso faz parte de uma economia de mercado. O negócio deu errado. Aqui no Brasil, o Governo vem para cima da pessoa física já pensando: “Não, esse cara fez alguma malandragem, ele deve ter botado dinheiro no bolso dele”. Então, o cara acaba criando uma dívida, e fica uma pessoa que poderia estar empreendendo de novo passando 5, 6 anos para tentar respirar. Então, além das taxas para fechar a empresa... Porque normalmente quando a empresa está fechando é porque ela deu errado. Ou seja, se a empresa deu errado, a pessoa física deveria estar livre para poder empreender de novo, como é feito nos Estados Unidos. Aqui no Brasil, não. Eu conheço pessoas que durante 6, 7 anos, fechada a empresa, tiveram ações trabalhistas, fiscais, e o cara começa a trabalhar para pagar dívida. Ou seja, a vida do cara não tem mais futuro praticamente. Isso é uma algo conceitual, que eu compreendi depois de estudar. A lei é igual nos Estados Unidos; só que o nosso sistema jurídico enxerga a coisa de outro jeito. Aqui, o cara quebrou, pensa-se: “Ah, não, esse cara deu algum golpe; joga para cima dele”. Daí, você começa a fazer com que as pessoas tenham medo de empreender ou que, quem teria potencial, não consegue sair e andar para frente de novo.

Muito obrigado e parabéns pela iniciativa. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Chamo agora o Sr. Rafael Pereira Gomes.

O SR. RAFAEL PEREIRA GOMES – Primeiramente, boa noite a todos. Me chamo Rafael, sou advogado, tenho 24 anos. Um pouco da minha história: eu sempre tive 2 figuras na minha casa – meu pai e minha mãe, logicamente. Meu pai me estimulando algo novo, a empreender; minha mãe me estimulando a não fazer nada disso e simplesmente apenas estudar.

Desde cedo, logicamente, segui os passos do meu pai, que já teve lanchonete, fábrica, fazenda de café, já foi corretor de imóveis. Eu catava garrafas pet no meu condomínio, que tinha 120 apartamentos, para poder reciclar. Eu vendia bola de gude para os meus amigos. Eu vendia chiclete na escola porque não tinha chiclete. Eu comprava no fiteiro da esquina para poder vender dentro da escola. Já entreguei pizza, já trabalhei em *lan house*, já entreguei panfletos e consegui me formar em Direito.

Há duas questões que eu achei que seriam bem importantes para perguntar aqui. Uma, em relação ao tipo de ação voluntária que o Poupatempo poderia estimular para as pessoas. Logicamente, é muito bacana você colocar um lugar único para que as pessoas possam ter a prestação de todos aqueles serviços para abrir uma empresa em 72 horas. Mas a questão que ficou na minha cabeça o tempo inteiro foi: que tipo de estímulo o próprio Poupatempo vai poder colocar às pessoas? Por exemplo, a pessoa está lá aguardando ser chamada numa fila. Poderia haver um espaço em que seria dada uma palestra, uma pequena aula, um microcurso para poder dar alguns indicativos de como funciona uma empresa para a pessoa ter certo conhecimento de como desenvolver o negócio futuramente. Logicamente, seria mais a parte do Sebrae – o Thiago estava aí mas teve que ir embora.

Outra questão que me surgiu é a seguinte, em relação à fala do Vinicius. Muitas pessoas têm grande dificuldade para poder pagar suas dívidas depois que fecham suas empresas. Em relação a todas essas pessoas que já vêm tendo dificuldade para poder pagar

suas dívidas e de fato fechar a empresa. O Poupatempo conseguiria ter algum tipo de reunião com esses empreendedores antigos que querem empreender novamente para pagar dívidas antigas e ter condições de abrir novas empresas?

A SRA. PRESIDENTE (Janáina Lima) – Olha, Rafael, primeiro, parabéns pelas suas sugestões. Acho que a primeira sugestão, a gente já está executando, que é a parceria que a gente fez com o Sebrae. A gente está estruturando, tentando mobilizar por nichos, grupos que tenham interesse nos cursos do Sebrae, e o Sebrae abriu a porta para fazer essa parceria de qualificação profissional para esses empreendedores, além de dar todo o treinamento. Não só esse curso, mas realmente estruturar o negócio para a pessoa. Então, como impulsionar o negócio, dar o caminho das pedras. O Sebrae é fera nisso. Então, a gente não vai criar uma concorrência ao Sebrae, mas sim uma parceria e fortalecer o Sebrae naquilo em que ele é ótimo, exemplar.

A sua segunda sugestão, eu tenho que estudar, eu tenho que ver; mas eu me comprometo, se você deixar seu contato, a lhe dar uma devolutiva com certeza. Porque todas as sugestões ou entrarão para o substitutivo ao projeto, que será votado em segunda votação e encaminhado ao Executivo, que vai construir também. O Executivo trouxe uma proposta inicial de redação final do PL com a sanção já acordada, dizendo: “Nesses termos, a gente tem como aprovar o PL, sancionar e implementar no Executivo. Então, legal. Somada a essa sua proposta inicial, agora a gente fez mais uma audiência pública, está aqui mais essa gama de propostas, e a gente vai estudar aquilo que é competência municipal”.

Por exemplo, o caso da Anvisa. Não sei se eu posso colocar dentro do PL, se é competência nossa ou se a gente constrói, por exemplo, um termo de cooperação entre entes da federação. Em tudo, tem que se estudar qual é a melhor forma. Jucesp, por exemplo. A Jucesp é do Estado. Também foi uma sugestões que houve, de a gente ter um protocolo único. Então, essas questões serão vistas, mas todas terão retorno. Por isso, eu pediria muito: venho todos, e vamos construir esse PL ou ao menos dar um caminho para as diferentes esferas dos

principais gargalos que o empreendedor hoje enfrenta na Cidade. Combinado? (Palmas)

José Henrique Sena.

O SR. JOSÉ HENRIQUE SENA – Primeiramente, quero dar parabéns para a Janaína. Por tudo que eu ouvi aqui e por tudo o que eu tenho visto do que você faz, está cobrindo exatamente o que a cidade de São Paulo precisa: preparando a primeira infância para garantir o cognitivo da criançada, dando aula de empreendedorismo para essa turma, e simplificando para que a criança empreenda. Pronto: São Paulo está resolvida, a próxima geração já garante a Cidade.

Minha questão vai um pouco a reboque do que o Vinicius comentava aqui, dessa complicação de abrir empresa. Eu tenho para mim a ideia de que quando o camarada vai empreender, ele olha e pensa: “Eu estou saindo agora para abrir uma empresa, estou indo enfrentar um dragão”. O monte de coisa que está em torno dessa ideia de que se vai enfrentar um dragão cria na pessoa uma insegurança muito grande. Na Prefeitura, o que precisa? Lá eles lhe dão uma relação com um calhamaço de documentos, tal. Você olha, não tem ideia do que seja metade daqueles documentos; até que, você estando inseguro, alguém lhe diz: “Tem um consultor lá cuja especialidade é juntar esses documentos, levar à Prefeitura”. Aí, você paga 5 mil reais. Pronto, lá se vão 5 mil reais; já que você está inseguro, você vai nessa mesmo. Aí, você vai falar de Anvisa, como o Vinicius citou, você pega a regulamentação da Anvisa para ler e tentar entender o negócio, pronto: é o maior dos dragões.

Isso tudo cria bastante insegurança e você acaba entrando num custo marginal nesse negócio, que é o pessoal especializado em enfrentar esses dragões para você, porque se eu for sozinho, se eu for sem ajuda, eu vou acabar fazendo besteira e lá na frente vai chegar um fiscal, vai fechar a minha empresa, vai botar uma pedra na frente, eu vou ter que pagar o dobro do que eu faturou.

Então, a minha sugestão, se é que já não está no projeto, é que, além de toda a juntada de pessoas, haja também algum suporte ao enfrentamento dessas questões para

quem está empreendendo. Talvez com a ajuda do Sebrae, com uma pessoa do Sebrae lá que possa dar as devidas orientações para que você se sinta seguro e não sair contratando e ter esses custos laterais desde o início. Era isso aí. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janáina Lima) – Obrigada, José Henrique. Eu só vou fazer uma retificação, porque quando a gente escuta qualquer coisa perto de Anvisa já tendemos a achar, mas o Rafael, na sua fala, trouxe o termo Covisa, que é Coordenação da Vigilância Sanitária, que é o departamento que segue as regulamentações da Agência Nacional da Vigilância Sanitária, Anvisa.

Então, eu vou estudar de que forma a gente poderia, tendo em vista que é um órgão municipal. Obrigada, Rafael, pela retificação e para organizarmos isso de uma forma que possa de fato liberar os entraves.

Tem a palavra Vinícius.

O SR. VINÍCIUS – Quando a gente começou a ver batida policial para bafômetro, aquelas coisas, eu vi muito funcionar polícia junto com o DSV, junto com a Prefeitura e coisas assim, pelo menos no Rio de Janeiro eu cheguei a ver esse tipo de grupo trabalhando, inclusive traziam alguns deficientes, tal. E você percebe que num ambiente desse, onde tem vários órgãos funcionando, não tem corrupção com tanta facilidade. Eu acho que uma das coisas muito interessantes é a gente não ficar na mão de um órgão, onde alguém vai falar para você: “Olha, não pode, a tinta da parede não é Coral, é Suvinil” e alguém vem dizer: “Não, eu faço consultoria”. A gente liga: “Como é que você sabe que eu tenho processo lá?” Você liga para oferecer consultoria.

Então, quando você tem dentro de um Poupatempo um ambiente grande como a gente vê no Poupatempo do cidadão normal, que a gente está acostumado, você ter vários órgãos trabalhando juntos, isso cai muito, porque não dá chance para acontecer esse tipo de problema. Então, o que eu gostaria de ver, a vigilância local, a Covisa, eu acho que é até estadual a Covisa, mas tem a municipal também, se tivesse todo mundo trabalhando junto

diminuiria muito a chance de acontecer esse tipo de coisa, de alguém lhe ligar. Ligaram também, né? Então, é isso. Obrigado, gente. Vou embora. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Obrigada, Vinícius. Agora meu amigo Genys Alves Jr.

O SR. GENYS ALVES JR. – Eu vou dividir a minha fala em três fases, que daí eu consigo ordenar meu raciocínio, tentar, pelo menos, em três minutos.

Meu nome é Genys Alves Jr., a primeira parte que eu quero falar um pouquinho é da minha experiência desde uma floricultura em 1987, em que eu com 12 anos tinha a incumbência de ir a um bairro distante, porque o nosso fornecedor não nos entregava rosas na nossa Vila Nhocune. Eu tinha com 12 anos, então, pegar na Vila Formosa, porque o fornecedor de lá entregava. E nessa brincadeira acabou que eu aprendi a fazer todos os buquês de noiva e com 15 anos eu já decorava igrejas. A minha vida estava feita.

Até o momento em que eu decidi fazer projetos e desenho mecânico, não tinha nada a ver com a floricultura. E aí eu falei: “agora eu me encontrei na vida, vou arrumar um bom emprego e vou me estabilizar”. Passado isso, obviamente não durou, porque o empreendedor está na veia da gente e eu sou de uma família de empreendedores, de construtores, de pessoas que realizam um sonho através da vida profissional.

Aí então fui fazer Direito. Floricultura, projeto mecânico e Direito. Aí sim, eu me encontrei e resolvi trabalhar naquele que era o empreendimento da minha família e depois começando o meu próprio negócio, uma consultoria imobiliária. Na consultoria imobiliária eu encerro o meu primeiro minuto falando da dificuldade, aí como dono, de entender que a pessoa lhe manda um documento falando para você bater um carimbo. “Pôxa, carimbo? Eu não tenho mais carimbo. Tem carimbo? Para quê carimbo?”, “Porque precisa ter carimbo”, “Mas por que precisa ter o carimbo?”, “Ah, não sei, alguém falou no passado que tinha que ter carimbo, então bata o carimbo”, “Pois é, eu não tenho carimbo”.

Já? Esse é o minuto que eu falei? Não, não é possível, eu estou no segundo minuto

ainda. Enfim, a atividade empreendedora começou a apresentar os seus percalços. E é a dificuldade de qualquer empreendedor que está aqui dentro. Já na vida social, nasce outro empreendedor, quando começa na imobiliária, que era um coordenador do Fórum de Jovens Empreendedores da Associação Comercial de São Paulo da Distrital Penha. Em seguida, onde eu conheci o Marcelo e em seguida fui alçado ao cargo de coordenador-geral do Fórum de Jovens Empreendedores da cidade de São Paulo. Em seguida, como diretor nacional da Confederação Nacional de Jovem Empresário.

Nesse momento, Vinícius, eu tive como audiência pública na Câmara Federal o desafio de tentar convencer membros da Comissão de Educação e Cultura na época a inserir o tema Empreendedorismo no Ensino Fundamental e Médio. Perdemos, não ganhamos, mas a luta não acabou ali. Mas, a importância de termos representantes no Congresso Nacional que defendam a inclusão do tema empreendedorismo como bandeira a ser incluída no ensino fundamental e médio, nós não temos essa característica e precisamos entender. Conheci muitas pessoas da Vabson (?), um pessoal fantástico, que não entendia naquele momento como é que o Brasil lindo e cheio de oportunidade tinha que se virar para enfrentar a questão do empreendedorismo. Difícil mostrar para o americano que nós temos que passar.

Já dentro dos meus dois minutos ainda, caminhando para o último, dois minutos esticados, eu sou advogado, desculpa Jana, eu já vou encerrar. A dificuldade de empreender na área social. Fui diretor, chefe executivo de uma ONG que formei, em que atuávamos com uma bandeira, que era ensinar as pessoas a empreender. Eu me lembro de um testemunho de uma pessoa que chegou para mim e falou assim: “Posso lhe contar um dado?” “Pode”, “O que eu aprendi na aula de terça-feira, eu produzi na quarta, vendi na quinta e paguei o meu aluguel no sábado”. Isso é empreender.

A experiência do chocolate me marca até hoje, apesar de já terem passado quase oito anos. Eu me lembro daquela senhora falando para mim que tinha pagado o seu aluguel graças a uma lição básica de como produzir e vender. Meu último minuto, e prometo ser o

último.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Eu vou pedir, por favor. Mais dez segundos, para respeitar o tempo de todos.

O SR. - Ok. Na minha sugestão, esse projeto precisa incluir no parágrafo segundo, a possibilidade de se firmar convênios com empresas privadas, que não previu.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Gostaria de chamar o Sérgio Canovas, engenheiro.

O SR. SÉRGIO CANOVAS – Obrigado. Vamos lá, meu nome é Sérgio, sou empresário. Tinha uma empresa em São Paulo, tive de mover para Osasco por uma questão de custos, outra história. Vou tentar ser bem objetivo em relação ao que eu penso.

Infelizmente, no Brasil, a legislação tributária e fiscal é muito fragmentada. Para abrir e manter uma empresa depende da esfera federal, estadual e municipal, dependendo do tipo de serviço. Para abrir o CNPJ federal se você quer vender produtos, pagar ICMS, me corrijam os contadores, eu não sou contador, tem de ter uma inscrição estadual, depende do Estado, e serviços, a municipal. Por exemplo, um petshop que vende produtos, ração, produtos para cachorros e presta serviços, dá banho, vacinação, tem de ter tudo isso.

Acho que com a lei municipal, embora isso seja fantástico, a chance de isso morrer na praia, lamento dizer que é muito grande, porque se não conseguiu convênio com o Estado, com não sei quem, com a vigilância sanitária, não vai funcionar. O cidadão no máximo sai de lá como CNPJ, quando muito.

Então, eu gostaria muito de dar soluções, mas pelo meu conhecimento, eu acho que tem de ser uma provocação dos nossos postulantes a cargos federais para no futuro vir algo de cima que unifique esse tipo de coisa. No momento, o que podemos fazer na lei municipal? O que vou sugerir? No mínimo, na diretriz, artigo 3º, item 3, fala só do CNPJ e conta bancária. Eu já inseriria inscrição municipal, inscrição estadual, não sei se vigilância sanitária

para alguns negócios que demanda, porque se não vai chegar no poder Executivo e talvez regulamentar com o mínimo. E o cidadão sai de lá com CNPJ e conta bancária, mas não tem inscrição estadual, nem municipal. E de fato, ele não tem a empresa que pode operar.

Acho que isso vai ser a semente. Se isso começar com alguma coisa que der certo, vai provocar outros municípios, o Estado e quem sabe, no futuro, com apoio federal, poderemos ter o sonho que o colega falou como é no Chile: com o certificado digital de pessoa física, você assina digitalmente o contrato social, tua empresa estará aberta em minutos. Infelizmente não será o município que vai fazer, mas precisamos já fomentar essa discussão no âmbito federal.

E uma outra coisa que colocaria é que tem o certificado digital da pessoa jurídica. Hoje para você prestar contas para a receita federal, aliás eles são muito eficientes para pedir prestação de contas, mas não são eficientes para abrir empresa, para cobrar é, você precisa de certificado digital. Precisa ter nesse Poupa Tempo, um Serasa, um Certisign, uma coisa para quando o cidadão abrir uma empresa já tira o certificado digital, se não vai ter de passar em outro lugar para operar.

Queria dar essas sugestões. Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Recebemos as duas últimas inscrições e por uma questão de tempo elas serão as últimas.

Parabéns, a coisa da parceria com as empresas e ele com o certificado digital, duas dicas valiosas. Vamos apertar o passo porque só temos 20 minutos, sob pena das próximas serem nulas perante a audiência pública, porque temos até 10 para as 10 para fazer todas as falas.

Então agora gostaria de chamar o Valdecir Empreendedor.

O SR. VALDECIR EMPREENDEDOR – Devo ter uns quatro anos em São Paulo, já cheguei empreendendo aqui. Empreendi nos Estados Unidos numa pequena empresa de construção. Depois tive outro negócio na Flórida, morei no Norte. E já cheguei empreendendo porque quando vim para São Paulo não queria trabalhar para ninguém. Queria empreender. E

cheguei aqui na época da seca, não tinha água e eu lavei carro de porta em porta na Flórida. E aqui montei uma empresa de eco lavagem e comecei a atender as pessoas. Desenvolvi um equipamento, criei minha empresa com perfil de impacto social para gerar emprego. Gosto de ganhar grana, mas quero que as pessoas ganhem grana também.

Descobri que aqui em São Paulo tinha um alvará eletrônico. Cobraram oito mil e o cara legou baixou para quatro para tirar um alvará, porque é difícil tirar alvará, entra Prefeito, sai Prefeito, gestão, e o cara acaba com um negócio tão legal, tão moderno. Chegar, sentar em frente ao teu computador e conseguir tirar teu alvará.

Minha sugestão é, se a Vereadora puder gerir isso ou colocar nessa iniciativa que é bem legal, orgulho de ser do NOVO, olha aqui. É vim de propósito. Então assim, puder lutar por isso porque é muito ruim eu ter de pagar quatro mil a alguém, que é de dentro da Prefeitura, devia estar fazendo de graça para mim, me cobrar quatro mil para facilitar o alvará e não me dar o alvará. São quatro mil pelo número, porque se o fiscal aparecer lá, provavelmente vai me dar uma notificação se for legal. Se não for um cara legal já me multa e eu quebro.

Então assim, alvará eletrônico é importante, CNPJ mais ainda. Estou abrindo outro negócio e estou, há três meses, tentando o CNPJ. Minha identidade não é daqui, sou carioca, de fora e criam um monte de caso. Então seria possível colocar isso como ideia porque vai ajudar muito.

Outra coisa legal, já que é um poupa tempo do empreendedor, comecei como MEI e em quatro anos a minha vida mudou muito empreendendo. Acredito muito. Ele morou nos Estados Unidos e eu posso dizer para ele aqui, não existe terceiro mundo não. Aqui não é terceiro, aqui é primeiro. Em quatro anos sai de um quartinho – não é para me gabar – do Brás para um condomínio no Morumbi empreendendo, não é roubando, fazendo nada errado não. Eu era militar no Rio, quando vi que não dava para mim falei: vou sair e fazer outra coisa, mas não vou me corromper.

E até hoje tenho feito isso e me orgulho para caramba. E vou cobrar desses dois

aqui. Vou cobrar.

A SRA. JANAÍNA LIMA – Agora o Denilson Moura, sócio da Contabiline.

O SR. DENILSON MOURA – Boa noite, meu nome é Denilson Moura, vou tentar ser breve. Quero cumprimentar todos na pessoa da nossa Vereadora Janaína Lima; Vinícius Point; Geraldo Rufino; Renata, representante do Cubo; Mark, o nosso colega contador e o outro colega, ali de Osasco, falaram coisas bem pertinentes, então não vou repetir o que disseram, mas a questão do Certificado Digital é imprescindível e a questão de parceria e integração com o Estado e com o Governo Federal, sem isso, não funciona adequadamente.

Prefiro ser um pouco mais pragmático e otimista, sou contabilista e administrador de empresas, então vou falar, principalmente, da minha visão como profissional de contabilidade, onde esse projeto de lei vem, ao mesmo tempo, ajudar os empreendedores e os contabilistas.

Depois de algum tempo de profissão, até hoje sou obrigado a explicar, ou melhor, ainda me vejo na situação desconfortável de explicar para o empreendedor o que faz um contabilista, um profissional da contabilidade. Aí eu uso uma analogia. Digo o seguinte: você sabe o que faz um goleiro. Aí a pessoa responde: o goleiro defende a trave e tal. Pois é, diante da tamanha burocracia que temos nesse país, o que acontece? O contador, o técnico em contabilidade, atua como um goleiro, todos os dias, nos bastidores, defendendo a sua empresa e evitando que ela leve uma goleada de impostos e obrigações acessórias. É difícil para o empreendedor entender isso, que dia após dia, todos os meses, estamos correndo para defender a empresa dele de tomar essa enxurrada, essa goleada de impostos e obrigações acessórias.

Com isso, acabamos virando verdadeiros funcionários do Governo, sem qualquer remuneração. Muito pelo contrário. Somos empreendedores como quaisquer outros, e nos vemos diante de 'representantes do Governo', aquele cara que traz as más notícias para o empreendedor. É estranho isso e como disse bem o Geraldo Rufino, o empreendedor não

precisa de contador para abrir empresa, ou não deveria precisar. Nós nos vemos nessa situação ingrata e, às vezes, tem até de rentabilizar, enfim, temos custos e temos de correr atrás também, mas não precisa do contador, porque o contador é um financista por natureza.

Afinal, o que é a contabilidade? É a linguagem dos negócios. Numa empresa, o que nós nos preocupamos? Com o fluxo de caixa, taxa de retorno de investimento, orçamento, enfim, só para não me alongar mais, peço até desculpas, é só um comentário: hoje me vi numa situação como essa, existe o Decreto 9094 do Poder Executivo Federal que diz que os órgãos federais não podem exigir reconhecimento de firma e documentos autenticados, certo? Só que tenho uma empresa, que era pequena, uma MEI, cresceu, desenquadrado, enfim, não tem os documentos da micro empresa, não tem certificado, daí fui lá na repartição pública com o empresário e falei: “Olha, o empresário está aqui, ele é presunção da boa fé, o senhor tem de verificar a identidade dele”. Ele disse: “Ah, isso não vale aqui”. Resultado: me agendaram para dia 27, vamos ter de reconhecer firma e autenticar os documentos.

Bem, é isso, parabéns pela reunião, vamos correr aqui. Obrigado. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Pedro Guimarães. Vou pedir que agora, a partir do Pedro, cada um se utilize de 2 minutos para sua fala, porque se não vamos conseguir fechar. Precisamos fechar em 12 minutos e temos 6 pessoas para falar.

O SR. PEDRO GUIMARÃES – Boa noite, meu nome é Pedro Guimarães. Sou Diretor do Instituto Hands Free de Tecnologia. Fabricamos tecnologia para os tetraplégicos acenderem uma luz, ligar uma TV, acessar computador, celular etc.

O que me traz aqui hoje é um depoimento como cidadão, não como empreendedor, muito embora eu admire muito, até porque trabalhei muito durante minha vida profissional. Até um tempo atrás tive meus documentos roubados. Fui dono de 12 empresas. Tive uma dívida ativa da União de R\$ 1 milhão. Então, é o seguinte, sempre que a gente faz isso, sou profissional de TI há mais de 40 anos, e quando nós queremos fazer algo ágil, quer mudar processo e colocar tudo junto, podemos fazer vistas grossas para algumas coisas. Mas

segurança da informação é fundamental, porque é aí que você vai estar protegendo o cidadão comum, e não mais o empreendedor.

É aquele que, se você acha que é difícil abrir uma empresa e passar 8 anos para fechá-la, passe 37 anos dono de uma empresa com o Governo Federal atrás de você com coisas que você nunca fez e ter de provar que você é você e não é aquele que roubou seus documentos. Então, tenham muito cuidado com segurança e não façamr vistas grossas na hora de implementar esses processos. É uma contribuição para todos aqui, não é só para o empreendedor. Boa noite. Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Regina Pedroso.

A SRA. REGINA PEDROSO – Boa noite, sou advogada, e gestora. E hoje, em nome da Fomenta Gestão, que é uma empresa de consultoria e fomenta empreendedorismo e inovação, uma nanoempreendedora.

Gostaria de fazer uma observação, um apelo. Como advogada, e ex-dona de cartório – um grande detalhe -, aprovada em concurso público, eu sei muito bem o que os cartórios representam, tanto em segurança, como em burocratização e falta de tecnologia. Dentro desse cenário, acho muito importante padronização e informação dos procedimentos jurídicos com clareza. Se possível, padronizar e tornar visual os documentos jurídicos. Abrir, para que se democratize o acesso ao Direito também. Um dos maiores problemas, além dessa questão de acesso, de custo, é também elaborar documentos jurídicos adequados e fáceis. Nem todo mundo tem acesso a isso. Então é importante informação jurídica transparente, e de qualidade. Se puder unir isso ao projeto seria muito bom.

E agradeço a oportunidade, parabéns, porque isso representa vontade política. Em 2009, eu já tentava algo assim pelos cartórios, mas passava vergonha, porque não havia ninguém que nos representasse politicamente. Algo tão simples que bastava vontade e iniciativa. Muito obrigada, Janaína e a todos.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Sobre a Regina, a primeira pessoa que

me falou dela foi o Vereador Aurélio Nomura. É muito bom ter você aqui. O Idalício, agora.

O SR. IDALÍCIO – Olá, boa noite, sou frentista. Em 2010 eu estava ainda no ensino médio. Por iniciativa do Governo com o Paula Souza, levou até a minha unidade escolar o estudo das pequenas empresas. Depois desse processo, de dois anos que frequentei, o último ano, tivemos que fazer (ininteligível). Nesse processo foi um ano para abrir uma empresa, que nem sequer existia.

Eu vejo, a partir daquele momento, minha vontade de abrir uma empresa acabou, acabei desistindo. Se uma coisa que foi um fingimento demorou um ano para conseguir abrir uma empresa, imagina o tempo que demoraria para fazer com todo o processo burocrático que eu faria hoje.

Uma coisa que acho muito interessante é também, no futuro, daqui dois anos, (ininteligível), porque é o seguinte: quem entende mais a Cidade. Não tem como o Governo Federal tributar ou fiscalizar uma pequena cidade do interior, ou até uma Grande São Paulo, porque tem de ficar na mão da Prefeitura essa fiscalização, porque descentraliza todo o poder. Está muito centralizado em Brasília e as cidades fica muito aquém, impotente e poder conseguir fazer (inaudível) Então acho extremamente necessário (ininteligível) com os Deputados Federais descentralizar esse poder do Estado e passar para os estados e municípios. O Governo Federal não tem como cuidar de mais de 8 mil municípios. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Ele falou de um ponto que é muito importante e urgente, que é a revisão do pacto federativo. É um outro evento que temos de fazer para sacudir, inclusive, Brasília. Agora o Sr. Vicente Piles.

O SR. VICENTE PILES – Vamos ser rápido, ainda há pessoas querendo falar. Vou contar uma breve história. Sou testemunha viva da dificuldade, não de abrir uma empresa, mas de encerrá-la. Empreendi de 83 para 84, em uma microempresa de estamparia de camisetas, adesivos etc. Trabalhei alguns anos, nesse ínterim, fui assaltado, tive carro roubado, uma série de problemas, mas persisti. Até que – alguém vai lembrar – veio o Plano Collor, quando

tivemos uma interrupção das viabilidades financeiras. Foi muito difícil, não exatamente durante o Plano, mas, logo em seguida, quando tive de encerrar as atividades, porém não podendo fechar a empresa efetivamente.

Então a empresa ficou aberta, fui procurar um outro trabalho e, desde então, desde 99 para cá, fui buscar, fui até a Jucesp, quando eu me deparei com o Certificado Digital e com a novela para encerrar uma empresa. Hoje eu gostaria até de reativá-la, de reempreender. Hoje eu vendo equipamentos, talvez ninguém conheça, mas são sistemas de inspeção de RaioX para segurança alimentar.

Mas eu quero voltar a empregar, a dar oportunidades para outras pessoas e realizar minhas ambições, meus planos e projetos novos que tenho em vista. Mas, por exemplo, vejo hoje inviável, embora eu tenha uma grande esperança. Quero parabenizá-la pelo projeto e até gostaria de falar muito mais, mas não dará tempo. Vou encerrar antes, para que alguém mais tenha tempo para falar. Obrigado a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Aline Zito.

- Falha na gravação.

A SRA. ALINE ZITO – Falo de novo? Recebi o convite pelo Comitê das Mulheres do Brasil, comitê de empreendedorismo, Grupo Mulheres do Brasil, e pela Janaína, fiquei super feliz.

Estou empreendendo, estou iniciando uma startup, chama Guineshprotenz, sorvestes diway, mas ainda estou no início. Então corri toda essa parte de ir atrás de investimento e atrás de possibilidades de microcrédito. Percebi uma grande dificuldade. Descobri o Desenvolve São Paulo, pela Prefeitura, e eles dão oportunidade para você pedir o valor que precisa, só que tem de mandar detalhados os papeis de tudo o que você vai precisar, o tempo que vai demorar para lucrar, enfim, tudo muito detalhado.

E quando eu cheguei depois de cinco meses para completar tudo e entregar para eles, eles me informaram que do valor que eu queria pedir, eles me dariam somente 80% e,

para isso, eu teria de ter uma garantia de 130% para receber esse valor. Se eu tivesse um imóvel de 130% do valor que eu pedi, eu não teria porquê pedir esse valor e ainda pagar juros depois. Preferia vender meu imóvel, então aí foi uma dificuldade mesmo. Então queria ver sobre essa facilitação de obter microcrédito, na maioria das vezes, é de dez mil, não chega a passar de 30 mil, dependendo da garantia que você der.

Então fica muito difícil para empreendedor novo, iniciando no mercado. Quando o empreendedor já começou e quer aumentar as vendas, aumentar maquinário, tudo bem. Mas, para inicial não consegue obter um capital. Queria pedir então se há possibilidade de analisar, fazer uma parceria com o Desenvolve para diminuir o valor da garantia para essas pessoas que estão iniciando, ou então entrar com uma parceria com o Anjos do Brasil, que é o investidor anjo.

Embora eles criaram uma lei – só para terminar – em 2016, a Lei Complementar 155, é uma lei que libera, agora, os investidores a entrarem com investimento startups e não obriga eles a entrarem em sociedade, não ingerir instituição. Isso é uma garantia para eles e uma garantia também, de uma possibilidade, para as pessoas que estão começando a empreender. Então, acho que seria um ponto bom a estar estudando em relação a parte de microcrédito dessa lei nova.

A SRA. PRESIDENTE (Janaína Lima) – Muito bom, Aline. Também faço parte do Mulheres do Brasil. É muito bom ter você aqui representando nosso grupo.

Tem a palavra o Sr. Marcelo Abrita.

O SR. MARCELO ABRITA – Estamos saindo de um modelo muito ultrapassado para um avanço, mas, em minha opinião, esse avanço de colocar tudo em um lugar é coisa dos anos 90. A vanguarda é não ter de ir a lugar nenhum.

Então, colocar algum tipo de meta para que a necessidade de ir a algum lugar seja a exceção da exceção da exceção e não a regra.

Eu tive uma empresa nos Estados Unidos em 2007 e é esse esquema que está se

tentando fazer aqui hoje, tudo em um lugar só. Hoje, lá, você não tem de fazer mais nada. Eu abri uma empresa lá na semana passada para investir no Brasil. Não fui lá, mandei foto do meu passaporte, tudo na nuvem. Isso é a vanguarda.

Na minha empresa nos Estados Unidos, em 2017, teve uma coisa legal que eles diferem daqui que é a primeira multa que você toma no descumprimento de uma norma. Porque quando o cara começa, ele não sabe as regras, então, ele vai descumprir alguma norma. Fato. Não vai pagar uma taxinha, e a primeira você não paga, mas se você descumprir de novo, você paga duas. Para as taxas municipais, a Prefeitura tem autonomia para fazer; com a Receita, não.

Isso vai envolver o desenvolvimento de sistemas. Vai ter de colocar site no ar. É uma sugestão forte fomentar o *environment* das startups que estão pelo Brasil afora ao invés de a Prefeitura pegar os técnicos que ela tem lá que são péssimos e usam tecnologias muito ultrapassadas e só funciona na internet explorer. Certificado digital, faz um chamado, fala, por exemplo, que vai pagar 10 reais para a empresa que processar a abertura do CNPJ e vai ter uma chuva de empresas muito capacitadas trazendo tecnologia de ponta para resolver esse problema.

Parte do descumprimento de normas acontece porque a comunicação da Prefeitura com a empresa é muito ruim, muito papel. Então, digitalizar o máximo da comunicação da empresa com a Prefeitura durante a vida da empresa, mandar e-mails, se tiver de pagar taxa, ao invés de mandar carta porque ninguém olha carta mais.

São essas as minhas contribuições.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Janáina Lima) – Parabéns, Marcelo.

Todos os inscritos conseguiram falar. Muito bom.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a 27ª audiência pública da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa referente ao Projeto de Lei

29/2017, de autoria da Vereadora Janaína Lima e coautoria dos Vereadores Aline Cardoso, Caio Miranda e Eduardo Tuma.

Obrigado pela presença.

